

TRADUÇÃO E NOTAS DO MITO DE ORFEU NO IV CANTO DE AS GEÓRGICAS

Elaine Cristina P. Santos*

Resumo: O mito de Orfeu, no IV canto de *As Geórgicas*, será apresentado como exemplo de tradução, apreciando-se como o poeta Virgílio o considera. Após Virgílio ter exposto, no IV canto, a apicultura, apresenta a fábula de Aristeu, que emoldura o mito de Orfeu. Metade do IV canto é consagrada às abelhas; a outra pertence ao mito de Orfeu. Este relato ocupa, no IV canto de *As Geórgicas*, 241 versos dos 565 do canto inteiro, ou seja, cerca de 43%.

Palavras-chave: Literatura latina; Virgílio; *As Geórgicas*; mito de Orfeu.

O mito de Orfeu, no IV canto de *As Geórgicas*, será apresentado como exemplo de tradução, apreciando-se como o poeta Virgílio o considera. Em *As Geórgicas*,¹ Virgílio apresenta um quadro rústico e real, em que ele saúda o inesgotável trabalho do camponês, apontando seu valor máximo: *labor omnia uicit improbus* (Geo. I, 145-146) [o trabalho obstinado vence todas as coisas].

Logo nos cinco primeiros versos, o poeta anuncia a ordenação de um plano: o de seu poema em quatro cantos. O tema de cada um deles é elucidado nos primeiros versos, anunciando uma divisão da agricultura em quatro partes: o trabalho dos cereais, subdividindo-se em operações rústicas e dados astronômicos; a arboricultura, representada pela viticultura; o gado, subdividindo-se em bois e em gado miúdo e, por fim, as abelhas.²

* Mestre em Letras Clássicas na FFLCH-USP. Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

1 *As Geórgicas*, poema didático sobre a terra, foram escritas, no século I a. C., pelo poeta latino *Publius Vergilius Maro*.

2 Na primeira edição do poema, segundo Sêrvio, o IV canto de

As Geórgicas se encerrava com os louvores de Cornélio Galo, elevado, depois do desabamento do reino de Cleópatra, à dignidade de primeiro *praefectus Aegypti*. Porém, atesta ainda Sêrvio que, em 26 a. C., Cornélio Galo foi forçado ao suicídio por Augusto, em virtude das honras excessivas que lhe tinham sido prestadas no Egito, o que o havia posto sob suspeita. Daí, a pedido do príncipe, ter Virgílio, no IV canto, substituído o elogio a Galo pela narrativa do mito de Orfeu e Eurídice.

Após Virgílio ter exposto, no IV canto, como se deve cuidar das abelhas,³ apresenta a fábula de Aristeu, que emoldura o mito de Orfeu. Metade do IV canto é consagrada às abelhas, a outra pertence ao mito de Orfeu. Esse relato ocupa, no canto IV de *As Geórgicas*, 241 versos dos 565 do canto inteiro, ou seja, cerca de 43%.

Personagem lendária, Orfeu é o maravilhoso cantor e tocador de lira, que vence a própria morte. O que o tornou famoso foi o fato de ter podido empreender a perigosa jornada para o mundo infernal sozinho. Antes de *A IV Geórgica*, Orfeu designa a figura mítica do poeta e do mestre do encantamento, pois sempre esteve vinculado ao mundo da música e da poesia. Esse herói participou da expedição dos argonautas, casou-se com Eurídice, que foi picada por uma serpente e morreu. Desesperado pela perda da esposa, Orfeu desceu, vivo, aos infernos para trazê-la de volta.

No IV canto de *As Geórgicas*, com o mito de Orfeu, Virgílio exprime alusivamente a celebração da *imortalidade da poesia*. Assim, como Orfeu, o homem procura sempre um *meio* para desvendar os segredos da morte e como atravessar a parede que separa os dois mundos: o dos mortos e o dos vivos. Orfeu deixa um caminho: a imortalidade de seu canto poético:

Iam rapidus torrens sitientis Sirius Indos, 425

*ardebat caelo et medium sol igneus orbem
hauserat; arebant herbae et caua flumina siccis
faucibus ad limum radii tepefacta coquebant:
cum Proteus consueta petens e fluctibus antra
ibat; eum uasti circum gens umida ponti 430*

*exsultans rorem late dispergit amarum.
Sternunt se somno diuersae in litore phocae;
ipse, uelut stabuli custos in montibus olim,
Vesper ubi e pastu uitulos ad tecta reducit
auditisque lupos acuont balatibus agni, 435*

*consedit scopulo medius numerumque recenset.
Cuius Aristaeo quoniam est oblata facultas,
uix defessa senem passus componere membra,
cum clamore ruit magno manicisque iacentem
occupat. Ille suae contra non immemor artis 440*

*omnia transformat sese in miracula rerum,
ignemque horribilemque feram fluiuumque
liquentem,
Verum ubi nulla fugam reperit fallacia, uictus
in sese redit atque hominis tandem ore
locutus:*

Já o rápido Sírio, queimando os indianos sedentos (425), brilhava no céu, e o ígneo sol tinha concluído a metade do curso; as ervas estavam secas e os raios do sol queimavam até o lodo dos vazios rios, estando secas suas fontes, quando Proteu vinha das ondas, dirigindo-se às suas habituais cavernas. Ao seu redor uma úmida nação do vasto mar (430), saltitando, espalha o insosso orvalho. As focas se estendem aqui e ali na praia para dormir. Ele próprio, como outrora um guardião de estábulo nas montanhas, quando Vesper traz os novilhos do pasto para os abrigos e os cordeiros aguçam os lobos com os balidos (435), ele se senta num rochedo, no meio, e confere o número. Como uma possibilidade foi oferecida a Aristeu, tendo apenas deixado o velho estender os membros cansados, arremessa-se sobre ele com grande clamor e agarra-o deitado com algemas. Por sua vez ele não esqueceu sua arte (440); transforma-se em tudo quanto é prodígio, em fogo, em horrível fera e em fluente rio. Mas como nenhum ardil encontra a fuga, vencido, voltou a ele mesmo e enfim falou com a voz

³ Os antigos tinham noções equivocadas acerca da abelha; consideravam-na um animal curioso e achavam que era impossível desvendar os mistérios de que ela se cercava. Pensavam que as abelhas nasciam espontaneamente ou, como narra Virgílio e Varrão, das entranhas dos touros imolados em

honra dos deuses (Geo. IV 281-285). Segundo o pensamento da Antigüidade, as abelhas conheciam que havia na colméia um indivíduo único, maior que outros, a que chamavam rei (*rex*), pois não conheciam a abelha rainha (Geo. IV, 212-214).

*“Nam quis te, iuuenum confidentissime,
nostras 445*

iussit adire domos? quidue hinc petis? “ inquit

At ille:

*“Scis, Proteu, scis ipse; neque est te fallere
quicquam;
sed tu desine uelle; deum praecepta secuti
uenimus hinc lapsis quaesitum oracula rebus.”
Tantum effatus Ad haec uates ui denique multa
450*

*ardentis oculos intorsit lumine glauco
et grauius frendens sic fati ora resoluit:
“Non te nullius exercent numinis irae;
magna luis commissa: tibi has miserabilis
Orpheus
haudquaquam ob meritum poenas, ni fata
resistant, 455*

*suscitat et raptam grauius pro conjuge saeuit.
Illa quidem, dum te fugeret per flumina
praeceps,
immanem ante pedes hydri moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos
460*

*implerunt montis; flerunt Rhodopeiae arces
atque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.
Ipsae caua solans aegrum testudine amorem
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum,
465*

*te ueniente die, te decedente canebat.
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,
et caligantem nigra formidine lucum
ingressus Manisque adiit regemque tremendum
nesciaque humanis precibus mansuescere
corda, 470*

*At cantu commotae Erebi de sedibus imis
umbrae ibant tenues simulacraque luce
carentum,
quam multa in foliis auium se milia condunt,
Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,
matres atque uiri defunctaque corpora uita 475*

*magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae
impositique rogis iuuenes ante ora parentum;*

de um homem: “Quem te mandou, mais presunçoso dos jovens (445), invadir nossa casa? Ou o que pedes aqui? disse. Mas ele (Aristeu): “Proteu, tu sabes, tu próprio sabes, nem é possível enganar-te em nada; mas deixa de querer enganar. Seguindo os preceitos dos deuses, aqui viemos procurar os oráculos para minha sorte arruinada”. Falou só isso. O adivinho, em resposta, com muito esforço, finalmente (450) voltou os olhos ardentes com luz esverdeada e rangendo fortemente os dentes, assim abriu a boca para os destinos:

“As iras de um deus que te perseguem, tu pagas por grandes faltas: Orfeu, infeliz, de modo nenhum por sua culpa instiga estes castigos para ti, a menos que os destinos não se oponham (455); ele está gravemente furioso pela perda de sua esposa. Ela, na verdade, para fugir de ti, correndo ao longo do rio, a jovem, que ia morrer, não viu diante dos pés, entre as ervas altas, uma mortífera serpente que habitava as margens. Então o coro das Driades, suas companheiras, encheu os mais altos montes com um clamor (460); choraram as rochas de Rodope, o alto Pangeu, a marcial terra de Reso, os Getas, o Hebro e a ateniense Oritia. Orfeu, aliviando seu doloroso amor com sua lira côncava, ele te cantava, doce esposa, sozinho consigo mesmo na praia (465), ele te cantava, quando o dia estava se aproximando e quando estava partindo. Tendo entrado nas gargantas do Ténaro, nas profundas entradas de Plutão, e no bosque obscuro em negro terror, ele foi ao encontro dos Manes e do terrível rei, e dos duros corações que não sabem abrandar-se com as preces humanas (470). Entretanto movidos por seu canto, das moradas profundas de Érebo, as sombras tênues e os fantasmas dos carentes de luz acorriam tão numerosos quanto os milhares de pássaros que se escondem nas folhagens, quando Vésper ou uma chuva de inverno os expulsa dos montes: as mães, os maridos, os corpos dos magnânimos heróis isentos de vida (475), os meninos, as meninas solteiras, os jovens colocados nas piras sob os olhos dos pais: em torno deles

*quos circum limus niger et deformis harundo
Cocyti tardaue palus inamabilis unda
alligat et nouiens Styx interfusa coercet. 480*

*Quin ipsae stupuere domus atque intima Leti
Tartara caeruleosque implexae crinibus angues
Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora
atque Ixionii uento rota constitit orbis.
Iamque pedem referens casus euaserat omnis
485*

*redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras
pone sequens (namque hanc dederat
Proserpina legem),
cum subita incautum dementia cepit amantem,
ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:
restitit Eurydicenque suam iam luce sub
ipsa 490*

*immemor heu! uictusque animi respexit Ibi
omnis
effusus labor atque immitis rupta tyranni
foedera, terque fragor stagnis auditus Auerni.
Illa: "Quis et me" inquit "miseram et te
perdidit, Orpheu,
quis tantus furor? En iterum crudelia retro 495*

*fata uocant conditque natantia lumina somnus
Iamque uale: feror ingenti circumdata nocte
inualidasque tibi tendens, heu! non tua, palma."
Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras
commixtus tenuis, fugit diuersa, neque illum
500*

*prensantem nequiquam umbras et multa
uolentem
dicere praeterea uidit; nec portitor Orci
amplius obiectam passus transire paludem.
Quid faceret? quo se rapta bis coniuge ferret?
Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret?
505*

*Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.
Septem illum totos perhibent ex ordine mensis
rupe sub aera deserti ad Strymonis undam
fleuisse et gelidis haec euoluisse sub antris
mulcentem tigris et agentem carmine quercus
510*

prende-os um negro lamaçal, os caniços imundos do Cocito, o pântano odioso com sua lenta água, e o Estige os segura em seus nove círculos (480). Tomaram-se de espanto os próprios domínios da Morte, e as profundezas do Tártaro e as Euménides de cabelos entrelaçados com serpentes azuladas; Cérbero, boquiaberto, conteve suas três bocas, e a roda do círculo de Íxion parou com o cessar do vento. E já voltando atrás seus passos (485), Orfeu escapara de todas as desventuras, e Eurídice restituída vinha para os ares superiores, seguindo atrás dele, pois Prosérpina impusera esta condição, quando uma súbita demência apoderou-se do imprudente amante, demência que deveria ser perdoada em verdade, se os Manes soubessem perdoar. Ele parou e, já sob a própria luz (490), esquecido, ai! e vencido no ânimo olhou sua Eurídice: aí todo o seu trabalho se perdeu e o pacto do impiedoso tirano foi rompido, e um fragor três vezes foi ouvido nas águas estagnadas do Averno. Ela disse: "Quem arruinou a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Que tão grande loucura? Eis que os cruéis destinos (495) me chamam novamente para trás e o sono fecha meus olhos indecisos. E agora, adeus: sou levada rodeada por uma imensa noite, estendendo minhas fracas mãos para ti. Ai de mim! Não sou mais tua! "Ela disse e, subitamente, sumiu-lhe dos olhos, como uma fumaça misturada no tênue ar (500). Nem ela viu mais a ele que em vão apalpava as sombras, querendo-lhe dizer muitas coisas. Nem o barqueiro do Orco permitiu que ele atravessasse de novo o intermédio pântano.

O que faria? Para onde se retiraria, depois que sua esposa foi arrebatada duas vezes? Com qual choro moveria os Manes? Com qual voz moveria os deuses (505)? Gelada, ao longe, Eurídice vagava já na barca do Estige. Dizem que durante sete meses contínuos ele chorou, só consigo mesmo, ao pé de uma grande rocha, nas margens do deserto Estrimão, e que contou estas desgraças sob as gélidas cavernas, amansando os tigres e atraindo os carvalhos com sua canção (510): tal qual um rouxinol

*Qualis populea maerens Philomela sub umbra
amissos queritur fetus, quos durus arator
obseruans nido implumis detraxit; at illa
flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen
integrat et maestis late loca questibus implet*
515

*Nulla uenus, non ulli animum flexere hymenaei.
Solut Hyperboreas glacies Tanaimque niualem
aruaque Riphaeis numquam uiduata pruinis
lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis
dona querens; spretae Ciconum quo munere
matres* 520

*inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi
discerptum latos iuuenem sparsere per agros.
Tum quoque marmorea caput a ceruice
reuolsum
gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus
uolueret, Eurydicen uox ipsa et frigida
língua* 525

*ah! miseram Eurydicen anima fugiente
uocabat;
Eurydicen toto referebant flumine ripae.”
Haec Proteus et se iactu dedit aequor in altum,
quaque dedit, spumantem undam sub
uertice torsit.* 529

que, à sombra de um choupo, se queixa dos filhos perdidos, que um duro lavrador observando retirou implumes do ninho: então ele chora durante a noite e, pousado num ramo, recomeça o infeliz canto e enche os locais longamente com tristes lamentos (515). Nenhuma Vênus, nenhum himeneu tocou seu espírito. Sozinho percorria os hiperbóreos gelos, o nevoso Tânaís, os campos nunca esvaziados as geadas dos Rifeus, lamentando Eurídice perdida e os presentes de Plutão malogrados. Mas as mães dos Cicones, desprezadas por tal devoção (520), entre ritos divinos as orgias de Baco noturno, espalharam o jovem feito em pedaços pelos vastos campos. Então, também quando o Éagro Hebro, levando a cabeça arrancada do marmóreo pescoço, a rolava no meio do sorvedouro, a própria voz e a fria língua (525), enquanto a alma fugia, chamava Eurídice! ah! triste Eurídice! As margens ecoavam Eurídice, ao longo de todo rio.”

Assim falou Proteu, e de um ímpeto se lançou no mar profundo e onde mergulhou, ele moveu uma onda espumante em um (529) turbilhão.

NOTAS EXPLICATIVAS

425 - **Indos**: Os povos do Oriente, onde o calor é mais forte.

Sirius: Sírio, uma das estrelas da Canícula. Os antigos a temiam muito por suas influências nefastas.

428 - **Faucibus**: A palavra *fauces* designa freqüentemente a *embocadura* dos rios. Os comentadores preferem a tradução de *leito*.

432 - **Somno**: Dativo por *ad somnum*.

434 - **Vesper**: Tarde, a estrela da tarde (Vênus).

439 - **Manicis**: *Manica*, algemas, por atar as mãos em oposição a *compedes* (grilhões, algema).

445 - **Nam**: Segundo alguns gramáticos, o emprego desta partícula, nas interrogações, indicava a emoção, a perturbação de espírito. Segundo Sêrvio, *nam quis* tem o sentido de *quisnam*. *Quisnam* é uma partícula enclítica que reforça a indeterminação expressa pelo pronome a que se junta.

454 - **Orpheus**: Segundo alguns, Orfeu era filho de Apolo e de Clio, segundo outros, de

Éagro e de Caliope. Ele participou da expedição dos argonautas e inventou a cítara de nove cordas. Tocava lira com tanta perfeição que os animais mais ferozes se agrupavam ao seu redor. Casara-se com a ninfa Eurídice. Não muito longe da Trácia, vivia o pastor Aristeu, que se apaixonara por Eurídice. Um certo dia, ela passeava sozinha às bordas do Peneu. O jovem Aristeu a viu e correu em sua direção. Assustada, correu enquanto o pastor a perseguiu. De repente, no meio do caminho uma víbora picou o calcanhar de Eurídice, levando-a à morte. A dor de Orfeu foi imensa. Por meio de seu canto e de sua lira, conseguiu atravessar os infernos. Os deuses, Plutão e Prosérpina, por piedade, deixaram que o jovem cantor levasse sua esposa novamente para a luz sob uma condição: Orfeu marcharia à frente e não poderia voltar a cabeça para olhar Eurídice. Os dois retornavam para a pátria dos vivos, quando Orfeu, não resistindo, olhou para trás para ver sua Eurídice. E assim ele a perdeu para todo o sempre.

Orfeu retirou-se para a Trácia e isolou-se do mundo, vivendo na floresta e cantando para os animais. Orfeu não quis mais se casar, só pensava em Eurídice. Certa vez, as mulheres sentindo-se desprezadas por ele, lançaram-se sobre ele, despedaçaram-no e jogaram sua cabeça no Rio Ebro, mas sua língua fria, sem vida, ainda pronunciava o nome de Eurídice.

455 - **Haudquaquam ob meritum:** É preferível ligar estas palavras a *suscitat* e não a *miserabilis*, assim traduzir: *este castigo que não é proporcionado por teus crimes, graças à proteção dos destinos, ni fata resistant.*

457 - **Flumina:** O Ebro, rio da Trácia

461 - **Rhodopeiae arces:** Os cimos de Ródope, montanha da Trácia.

462 - **Pangaea:** O monte Pangeu, entre a Trácia e a Macedônia, célebre por suas minas de ouro e de prata. *Rhesi:* Reso, rei da Trácia, morto por Ulisses e Diomedes.

464 - **Testudine:** Tartaruga, a lira inventada. Horas depois de nascido, Mercúrio pulou do berço e fugiu da gruta. Tendo encontrado uma tartaruga, matou-a. Jogou fora a carne e, da carcaça, fez a lira, estendendo nela sete cordas de tripa de ovelha.

467 - **Taenarias fauces:** Ténaro, promontório e cidade da Lacônia, era uma das entradas para os infernos.

Ditis: Plutão, deus dos infernos, filho de Saturno e de Réia, irmão de Júpiter e de Netuno.

469 - **Manis:** Gênio que os antigos confundiam ou com as almas dos mortos ou com as divindades infernais. Os gregos davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos; os romanos, de deuses Manes.

471 - **Erebi:** Érebo são as Trevas, designa os infernos; segundo a concepção homérica, também significa a parte mais obscura do reino dos infernos. O Érebo era filho do Caos e da Noite, foi transformado em rio e lançado aos infernos porque socorrera os Titãs.

479 - **Cocytii:** Cocito, rio dos infernos.

480 - **Styx:** Estige, fonte e lagoa da Arcádia, considerada como um lago dos infernos pelos poetas. Era sobre o Estige que passavam as Sombras, na barca de Caronte.

481 - **Leti:** Leto, é a morte personificada.

483 - **Cerberus:** Cérbero, cão de três cabeças que guardava os infernos.

484 - **Ixionii orbis:** Ixião, rei dos Lápitais, era homem muito cruel. Casou-se com Dea, filha de Deioneu. Prometeu ao sogro que lhe daria um belíssimo presente por ter desposado sua filha. Como Deioneu percebeu que a promessa não seria cumprida, apoderou-se de alguns cavalos de Ixião. Este, ofendido, colocou o sogro num fosso ardente, onde morreu. Todos se horrorizaram pela atitude de Ixião e abandonaram-no. Ele recorreu a Júpiter, que, por piedade, o acolheu e o levou para o céu. Ixião apaixonara-se por Juno e convidou-a para unir-se a ele. A deusa, ofendida, contou tudo

